



VOZ DA FÁTIMA

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cônego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

Convidamos-vos a rezar o Terço com devoção particular, pelas intenções que estão tanto no Nosso coração, isto é: para que o Sinodo de Roma seja frutuoso e salutar e para que o próximo Concílio Ecuménico, pela vigorosa renovação de todas as virtudes cristãs que Nós esperamos dele, sirva de convite e de estímulo para todos os irmãos e filhos que estão separados da Sé Apostólica.

S. S. João XXIII, na Encíclica Grata Recordatio, de 26 de Setembro último.

ANO XXXVII — N.º 446
13 de NOVEMBRO de 1959

Avenida

Homilia do Senhor Nuncio Apostólico

no dia 13 de Outubro, à Missa dos Doentes

Ao dirigir-vos, neste solene dia, a nossa palavra como Representante do Santo Padre, neste recinto glorioso de Fátima, o nosso primeiro pensamento, a nossa primeira atitude, é levantar os olhos ao céu e dar a todos vós o testemunho da nossa felicidade, da alegria imensa por nos vermos aqui, aos pés da nossa Mãe, Nossa Senhora da Fátima. Levantemos os olhos ao céu para agradecermos a Deus a protecção, o amor, a assistência desta carinhosíssima Mãe. A nossa vinda a este Santuário, que já não é só de Portugal, porque pertence ao mundo inteiro, é da nossa parte uma romaria de acção de graças. O nosso coração sente-se sobremaneira feliz por dar este testemunho de gratidão à Virgem, Mãe de Deus. E a nossa felicidade aumenta, ao vermos que os nossos braços que se elevam ao céu reconhecidos, os nossos olhos que se dirigem ao trono glorioso da Rainha do Universo, são os braços, são os olhos de todos vós, caríssimos irmãos, na mesma fala eloquente de reconhecimento de filhos. A nossa romaria é a vossa romaria; a nossa peregrinação é a vossa: filhos que vêm depor no regaço de sua Mãe o coração agradecido por tantas graças recebidas, por tantas bênçãos espalhadas ao longo dum mês, ao longo dum ano, ao longo de anos inteiros, de uma vida inteira! E o vosso fervor, as vossas lágrimas, o entusiasmo dos vossos cantos, despertam em nossa alma uma maré-cheia de sentimentos, de alegria sobrenatural que não se pode exprimir por palavras, mas por lágrimas de consolação. E sentimos vontade de irromper em hossanas, num rosário sem fim de louvores, de títulos de glória à Celeste Rainha da Fátima, e ficarmos assim, diante do Seu altar da Cova da Iria, num êxtase de amor e de reconhecimento; e aqui, junto dos Seus pés immaculados, abrigados no manto do Seu sorriso materno, recordarmos os caminhos por onde temos andado, e agradecermos, no silêncio dos nossos olhos fitos nos Seus, todo o bem, todo o amor que esta terníssima Mãe nos tem dispensado a todos. Deve ser esta, caríssimos irmãos, a primeira característica da nossa peregrinação: agradecimento, agradecimento profundo!

Desta esplanada da Fátima, aberta para todos os cantos da Terra, os nossos olhos percorrem, neste momento, os anos da nossa vida já longa, sobretudo aqueles passados aqui e além, por diversas partes do Mundo, como Representante da Santa Sé. Vemos todos esses caminhos andados, as ansiedades, as dificuldades e lutas, e a protecção contínua, a assistência carinhosa desta bendita Mãe. É para Ela, portanto, que sentimos a necessidade de erguer a nossa voz num hino de acção de graças. Que este sentimento seja o primeiro a sair dos nossos lábios, para Seu louvor e para exemplo de todos, na afirmação bem alta de que a nossa vida, a vida de cada homem, só pode ter a alegria do triunfo, a consolação íntima da esperança, no sorriso e nos braços da sua Mãe do Céu!

Foi para isso que nós viemos aqui, foi para isso que vós fizestes longas jornadas a pé, que suportastes dificuldades inúmeras e vos submetestes, quiçá, a sacrifícios penosos, foi para isso que nos juntámos hoje neste Santuário bendito, onde pulsa o coração do Mundo na expectativa de um mundo melhor: darmos a todo o mundo, a todo o Portugal, o testemunho da nossa solidariedade de filhos, o testemunho de que Maria continua a ser, como em todos os séculos da história da Humanidade, a Causa da nossa alegria, a Onnipotente Medianeira de todas as graças de que o Mundo precisa, o Caminho que nos leva à Fonte de toda a paz, justiça e amor, a única que pode matar a sede à Humanidade — o Coração de Deus! Nós viemos aqui dizer a todo o Mundo, a toda a nossa terra, que precisamos de Maria, que só Maria nos pode valer, que temos necessidade de um coração de Mãe, já que todos temos em nós a natureza de filhos!

Quando Sua Santidade Pio XI, em 1935, nos nomeou Seu Representante na Austrália, escolhemos como lema par o nosso escudo as palavras de S. Bernardo: «*Respice Stellam; voca Mariam* — Olha para a Estrela, chama por Maria». E podemos afirmar, com toda a nossa consolação de filho, que estas palavras foram sempre na realidade o nosso escudo, a nossa fortaleza, o nosso amparo. Quando tudo parecia coberto por céu de trevas, foi sempre a mão da Santíssima Virgem que nos socorreu. É por isso que hoje nos sentimos felizes em proclamar o poder desta Arca Onnipotente, aqui, neste monumento da Sua glória e da Sua bondade! Feliz, porque a nossa mensagem leva todo o desejo de vos animar à devoção a esta Santa Mãe, a ânsia de vos entusiasmar no Seu amor, a fim de que cada um de vós, ao regressar deste recinto sagrado, leve para sua casa, para sua terra, para o ambiente em que vive, o propósito firme de ser um arauto das maravilhas de amor, de felicidade e de bem, que a devoção filial, ardente, à Mãe de Deus, pode operar nas almas e no mundo. Queríamos criar em vós a convicção de que é por meio de Maria que nos devemos salvar, que o Mundo se deve salvar. Não é isto o que a Senhora repetiu mais de uma vez nestes últimos tempos? Não é isto, porventura, o que temos verificado com os nossos olhos nesta época de cataclismos, em que a Santíssima Virgem tem aparecido, como arco-íris de esperança para esta pobre Humanidade? Não é isto o que relatam os jornais e as crónicas dessas viagens triunfais da Senhora da Fátima, Peregrina, pelo Mundo? Prodígios naturais, milagres sem conta, conversões espantosas, e um rasto de perfume e de bondade que atrai as almas, que as fascina, que as deixa enamoradas de uma vida mais pura, de uma ascensão para Deus! É esta a afirmação categórica da verdade que tantos santos repetiram na história da Igreja: «*Ad Jesum per Mariam*». Sim, é por meio de Maria que devemos ir até Jesus. É por meio de Maria que devemos todos levar o mundo ao Coração de Deus. É por meio de Maria que devemos erguer o Mundo a um ideal de virtude, de santidade, de pureza, ao nobilíssimo ideal de Filhos de Deus.

(Continua)

Mais de cem mil peregrinos

de todos os recantos do Mundo
aclamaram a MÃE DE DEUS

CÁIA a tarde de 12 de Outubro deste ano de graça de 1959. A visão da grande esplanada, a que se convencionou chamar Praça Pio XII — o imortal Papa da Fátima que há precisamente um ano deixara a Cátedra de Pedro envolta em crepes e enopada nas lágrimas de saudade do Mundo inteiro — certificava-nos de que, numericamente, a peregrinação final do grande ciclo não seria das mais notáveis. O povo também não nos oferecia o espectáculo edificante do recolhimento dentro do sagrado recinto. Havia bulício, dissipação, que perturbava quem desejaria viver essas horas no silêncio da prece.

Quem não terá notado a ansiedade mórbida que agita por toda a parte os espíritos ávidos de desvendar o futuro, de conhecer o segredo dos tempos, de — concretizando mais — rasgar o véu do mistério que envolve a revelação da 3.ª parte do segredo da Fátima? A Hu-

manidade deixa-se embalar em ondas perigosas. Se nos fosse dado conhecer desde agora o que contém esse mistério anunciado pela Mãe de Deus, o mundo não perderia o aspecto de devassidão que caracteriza os tempos que vivemos. Os pecados de todos nós clamam pelo fogo do céu. Emendemos os nossos caminhos tortuosos, reparemos os ultrajes, sacrilégios e ofensas que à nossa volta se cometem com plena consciência de que se ofende a Deus. Associemo-nos ao desagravo colectivo pelos pecados das Nações. Ocupemos, diante do Senhor, o lugar dos que «não crêem, não adoram, não esperam e não O amam» e assim apagaremos os traços rubros que são no horizonte humano sinais de que sobre nós impende a justiça do Alto. Reparação! Reparação! Reparação! — é o brado que urge lançar aos quatro ventos numa hora em que, apesar dos maternais avisos da Mensagem da Fátima, Deus é mais que nunca ultrajado e ofendido.

Como no Velho Testamento os povos esperavam a vinda do Messias, tendo os olhos de continuo no horizonte à espera da estrela...

Quando o recinto mergulhado na penumbra começa a assemelhar-se ao firmamento povoado de miríades de faiscentes lumes, um pensamento polariza a alma dos peregrinos em volta da Capelinha-Monumento de onde a Senhora vai sair, envolta numa luz mais clara e radiosa, para satisfação dos filhos que neste chão bendito Lhe estendem uma passadeira de lumes, a simbolizar as ardências da sua fé e do seu amor. «*Quem é esta que avança como a aurora nascendo, formosa como a lua...?*» — interroga o Salmista. O mundo inteiro ouviu a resposta de 13 de Outubro de 1917: — «*Sou a Senhora do Rosário. Venho aqui dizer que não ofendam mais a Deus que já está muito ofendido*».

Lá em cima no altar exterior da Basilica surge o Sol de Justiça — Jesus Eucarístico — e a Senhora, reentrando na sua Ca-

pelinha, parece repetir a fala das Bodas de Caná: — «*Fazei tudo o que o meu Filho vos disser*».

Na primeira hora da velada eucarística prega o Rev. P.º José Felício, Director da L. I. A. M., focando o campo das Missões onde morrem, à míngua do sobrenatural, muitas almas por escassez de Missionários: — «*Não se pode dizer católico aquele que não pensa em matar a sede do Senhor, dedicando-se à evangelização dos infelizes*» — afirma o pregador.

Sucedem-se junto de Jesus Sacramento as peregrinações de Prado (Braga), Alcábaldeche, Olivais, Sacavém, Óbidos, Liga Eucarística de Pedrido, etc.. E ao romper da alva o Arcebispo de Vera Cruz (México), Senhor D. Manuel Pio Lopes, celebra a Missa da comunhão geral, comungando dezenas de milhar de peregrinos.

Filhos que vêm depor no regaço de sua Mãe o coração agradecido por tantas graças recebidas; por tantas bênçãos espalhadas... ao longo duma vida inteira!

Retrocedamos ao cair da tarde do dia 12. Cerca de 400 peregrinos vindos dos Países Baixos entraram, processionalmente, pelo cimo da esplanada, empunhando flores, formosíssimos cravos cor-de-rosa. Dirigiram-se à Basilica, onde oraram, indo depor braços de cravos no trono de «Nossa Senhora da Fátima Peregrina do Mundo» que agora se encontra ali à veneração dos fiéis desde o seu regresso da jornada de maravilha pela Itália. Também ficaram juncados de cravos os túmulos dos Videntes Jacinta e Francisco Marto. Saindo da Basilica, a procissão florida encaminhou-se para a Capela das Aparições, que ficou toda engalanada com os últimos braços de flores-viçosas vindas pelos caminhos do ar que ligam a Holanda a Portugal.

Outra romagem: — Mons. Harold Gogan, Fundador do movimento mundial do «Exército Azul», acompanhado de centenas de «soldados» desse exército orante empunhando bandeiras dos países onde conta membros — Portugal, Espanha, E.U.A., França, Itália, Suíça, Alemanha, Luxemburgo, Inglaterra, Irlanda, Áustria, Brasil, Argentina, México, Colômbia, Índia, Japão, Indochina, seguindo a bandeira Pontificia, e a da Igreja do Silêncio — tudo se encaminhou para a grande azinheira do Santuário, arquivando na terra que sustenta as suas raízes 28.000 nomes de novos militantes do «Exército Azul». Eram cerca das 18 horas. O Senhor Bispo de Leiria preside à recitação colectiva do terço e saúda os peregrinos de Nossa Senhora com palavras de espe-



“Mas Nossa Senhora venceu”

Este caso de conversão veio narrado no jornal diocesano de Alexandria, no Piemonte. É o próprio «filho pródigo» que conta:

«Devo dizer que tinha ódio a Cristo, à Igreja e aos Padres, e a minha expressão não é exagerada. Tinha-me na conta de ser ateu.

Pode adivinhar-se a irritação que senti, quando vi a propaganda que se estava a fazer para a vinda da Imagem de Nossa Senhora. Em certos sectores, onde penso gozava de algum ascendente, fiz-me paladino de atitudes e expressões blasfemas, que não tenho agora a coragem de repetir.

Quarta-feira à noite houve reunião, mas o mais longe possível da zona «infestada» pelos crentes... Não tive nenhuma crise de consciência essa noite, nem no dia seguinte; assim, encarnicei-me até ao máximo, segundo os bem conhecidos princípios por que me regia.

Quinta-feira à noite, encontrei-me por acaso com uma procissão de homens e rapazes a rezar; exasperado com esta circunstância imprevista, fartei-me de blasfemar. No fim do

serão, já noite alta, saí e, como num desafio, lembrei-me de ir procurar as fontes do mal, onde os Padres diziam que só estava o bem. Chegando à Praça da Catedral, no meio do maior silêncio (eram as duas da madrugada), percebi uma voz fraca que vinham das portas abertas da igreja. Não tinha posto os pés numa igreja desde... (leia-se: muitos anos). Mas a malvada intenção de escarnecer e a vontade de dar-me conta do que faziam aqueles fanáticos, levaram-me a entrar.

O que se passou depois não sei como contar. Nunca fui um emotivo e a minha vida passada bem o demonstra. Mas os factos são estes: Dirigindo o olhar para a Imagem de Nossa Senhora, vieram-me de repente à memória todas as orações que aprendi em pequeno com a ajuda de minha mãe; e comecei a sentir dentro uma coisa que parecia querer soltar-se, uma coisa que não sei explicar. Ouví dentro de mim uma voz: APROXIMA-TE... Senti um temor imenso, vontade de fugir, e não pude. Não pude!... Um turbilhão de factos e de pensamentos me assaltou, tudo o que tinha dito e feito nestes anos. Esforçava-me por sair e não podia e sempre aquela voz: APROXIMA-TE... APROXIMA-TE!...

Dispensou-me de contar o que então experimentei, agora que aquela angústia já passou. Nem seria capaz. Combati durante toda a madrugada. Mas Nossa Senhora venceu. Só peço que Ela agora me ajude para o futuro, que tanto receio».

E a pessoa que recolheu e publicou esta declaração tão viva e sentida, acrescenta: «Um eu te absolvo e uma nova jóia na coroa da Senhora, É inútil dizer mais nada. O bem não precisa de muitas palavras».

MIRIAM

Sua Ex.^a Rev.^{ma}
o Senhor D. João
Pânico, Venerando
Núncio Apostólico
em Portugal,
durante a solene
Missa de Pontifical

rança colhidas na Mensagem da Mãe de Deus.

Estão ali muitas peregrinações organizadas: L'Abbé Richard, Director do jornal «L'Homme Nouveau», viera de Paris com numerosos elementos do Exército Azul, de que é pioneiro. Os Monfortinhos de Lovaina trazem centenas de devotos de Maria da Holanda e Bélgica, chefiados pelo R. P.^o Hupperts, Director da revista «Médiatrice et Reine». A «Cáritas» de Genebra tem numerosa representação. De Madrid, Sevilha, Andaluzia, e de toda a Espanha, há centenas de peregrinos cheios de entusiasmo e fervor. A América tem diversos grupos trazidos por todas as vias. Uma peregrinação irlandesa veio com a intenção especial de orar pelos doentes, e deixou no Santuário o seu estandarte como lembrança da sua original peregrinação. Muitos graduados e subalternos da P. V. T. quiseram acompanhar o Sr. Tenente Santana de Carvalho que durante 25 anos comandou os destacamentos para as peregrinações da Fátima, sendo esta a última vez que oficialmente se desempenha dessas funções, por ser atingido, em breve, pelo limite de idade.

Nossa Senhora dos Pobres, aparecida em Banneux, vê-se numa bandeira trazida de Antuérpia e conduzida por um grupo vindo das terras ribeirinhas do Escalda.

Nós vimos aqui dizer a todo o mundo... que precisamos de Maria, que só Ela nos pode valer

Já a procissão se encaminha, majestosa, engalanada de flâmulas multicores, para o altar que domina a escadaria, onde o Senhor Núncio Apostólico, Mons. João Pânico, vai celebrar de Pontifical. É a primeira vez que o Representante de Sua Santidade João XXIII preside a uma peregrinação neste Santuário.

Estão presentes, além do Senhor Bispo de Leiria, os Senhores Arcebispos de Vera Cruz (México) e Cízico e Bispos de Malange e Limira. Membros do Cabido da Sé de Leiria acompanham o Senhor Núncio no cortejo solene que se encaminha para o altar, para o Pontifical.

A «Schola Cantorum» do Seminário Teológico de Leiria canta o Introito da Missa — *Terribilis est locus iste* — da Dedicção da Basílica do Santuário da Fátima, que se comemora em 13 de Outubro.

Ao Evangelho, o Senhor Núncio Apostólico fala à multidão — numa alocução em que se revela a sua ardente devoção mariana, de que se respigaram os subtítulos desta modesta crónica e que noutro lugar vem reproduzida. Fala primeiramente em português, apresentando logo em síntese o seu discurso nas línguas francesa, inglesa e alemã.

O mundo está cansado de sofrer; o mundo anda saturado de guerras, desentendimentos e ódios, sobressaltos e temores

São 231 os enfermos inscritos no Posto médico para a Bênção individual. Grandes misérias físicas se estadeiam naquele recinto! Não é habitual que nas peregrinações compareça tão numeroso grupo de deformidades físicas e mentais. Uma doente de Lisboa foi trazida com mil precauções, nos braços da caridade, desde um 5.º andar pobre, por escadas íngremes e estreitas, de onde não saía há 14 anos, para viver horas de Céu neste Santuário impregnado da unção divina. Duas irmãs, uma de 25 e outra de 27 anos, ambas estranhamente enfermas, paralisadas, desde os 12 anos, são trazidas pelos pais — faces resignadas de dor e martírio — das terras alcandoradas da Beira Baixa. Corta o coração ver aquele quadro pungente, espada dupla no coração dos pais, ferida suavizada pela crença arreigada de ambos. Uma jovem estendida em maca, as faces pálidas e os membros impressionantemente deformados, guardando nos olhos a placidez e a candura dos anjos, diz-nos que aceita o seu martírio para que outros Doentes compreendam a graça do sofrimento. Numa das bancadas senta-se, idosa, enferma, quase paralisada, uma das figuras que avultou junto da Jacinta: — a sua «Madrinha», a Madre Maria da Purificação Godinho, que quando as portas brasonadas e as casas ricas se fechavam à Pastorinha enferma, abriu de par em par as portas do seu Orfanato e do seu coração à privilegiada de Nossa Senhora. Mereceu, com esse acto, que a própria Mãe de Deus aparecesse à Vidente na sua casa da Rua da Estrela. E coube-lhe a ventura de receber as confidências da Jacinta e de amortilhar os seus santos despojos quando a sua alma cândida voou para a mansão dos Anjos.

O mundo está cansado de sofrer... A longa teoria de enfermos que alinhavam no recinto gritava bem alto esta verdade, que aliás é mais viva no fundo de cada ser marcado pelo estigma da culpa!

Jesus-Hóstia passa abençoando cada Enfermo. Os Senhores Arcebispo de Cízico e Bispo de Malange conduzem a sagrada custódia, pegando à umbela, respectivamente, o Conde de Riba d'Ave (filho) e o Tenente Santana de Carvalho, 2.º comandante da P. V. T..

Estamos numa época da história do mundo que podemos chamar a época de Maria — a época do triunfo de Maria!

Nossa Senhora voltou em triunfo para a sua Capelinha. É momento indescrí-

tível esse, em que mais de uma centena de milhar de lenços brancos se agitam freneticamente num adeus saudoso ao local bendito em que a Mãe de Deus falou para o Mundo palavras de salvação e paz.

Os cravos róscos da Holanda decoram luxuriantemente o andor dourado de onde emerge a estátua branca, de olhar meigo e triste, de Nossa Senhora. Aos pés da imagem, entre aquela nuvem cor de rosa, há um «bouquet» que põe ali impressionante mancha dum vermelho-sangue. Todos os meses tem havido um anónimo que traz aos pés da Senhora, em igual momento, um ramo de cravos como aqueles — que fica a sobressair como símbolo dos povos escravizados por suplicios sem nome, lá longe, sob o domínio vermelho!

— Senhora da Fátima, nesta hora em que a Humanidade vive a dor das culpas gravíssimas, individuais e colectivas, que pesam na balança do Altíssimo, cobre a terra com o teu manto alvíssimo e faz germinar aqui almas que ofereçam a Deus, na candura da sua vida e ardor do seu amor, uma compensação que desagrave a Justiça ultrajada e atraia à terra uma chuva benéfica de paz que a fecunde e a torne vergel onde o olhar de Deus repouse e o Coração de Jesus se compraza.

João XXIII fala da Fátima e do Coração Imaculado de Maria

NO dia 22 de Agosto, festa do Imaculado Coração de Maria, o Santo Padre João XXIII deu audiência geral a peregrinos de várias nacionalidades, entre os quais alguns portugueses. Sua Santidade pôde recordar, uma vez mais, que na meninice, na igreja matriz da sua terra natal, contemplava um quadro que representava o Imaculado Coração de Maria e que, mais de meio século depois, esteve na Fátima (a 13 de Maio de 1956), no meio de cerca de 700 mil peregrinos. Nunca vira, confessou agora, multidão tão imponente, nem mesmo noutros célebres santuários.

E continuou a falar da devoção ao Coração Imaculado, «devoção que após as aparições naquela terra bendita, toma consoladoras proporções universais».

O Padre Santo disse em seguida aos peregrinos presentes na audiência: «Há no Coração Imaculado algo de misterioso e comovente. No mundo, há quem pense no céu e quem pense só na terra. Estes últimos querem impor-se, buscam riquezas, diversões, honras, como se este mundo não devesse acabar um dia; recorrem aos enganos, à violência, fomentam e provocam a guerra. No Coração Imaculado de Maria, pelo contrário, temos uma visão de paz: chamamento materno da Virgem Dulcíssima, convite e guia aos bem intencionados e até aos desencaminhados».

GRAÇAS de NOSSA SENHORA

OCTÁVIO BRANCO BARRADAS (*Amoinha Velha, Nogueira, Chaves*), de 19 anos de idade, esteve oito dias entre a vida e a morte, com uma hérnia estrangulada. Não podia comer, e até quanto bebia tudo vomitava. Sua mãe, aflitíssima, recorreu a Nossa Senhora da Fátima e logo o filho se encontrou curado, voltando aos serviços pesados da sua profissão. Meio ano depois da cura, ainda não tornara a sentir os mínimos vestígios da antiga doença.

O Rev. Pároco de Nogueira, P.º António Ferreira, confirma a veracidade do facto aqui narrado, «por lhe ter sido logo manifestado e serem pessoas fidedignas e de fé profunda» os seus protagonistas.

MARIA SERAFINA PEREIRA (*Santo António do Pico, Açores*), em Agosto de 1950, foi informada pelo médico de que tinha um tumor no peito e devia ser operada. Recorreu a Nossa Senhora da Fátima, com a promessa de publicar a graça, e logo se sentiu completamente libertada daquele mal, sem qualquer intervenção cirúrgica.

ALEXANDRE ANÍBAL GROMICHO (*Que-luz*) conta que lhe apareceu uma fístula em lugar incómodo, a qual degenerou num abcesso, com muitas dores e grande infecção. Consultou o médico, que disse ser precisa uma operação, sem a qual não se curaria. Chegando a casa, recorreu à intercessão de Nossa Senhora da Fátima, e fez a promessa de publicar a graça no seu jornal e vir à Fátima agradecer, caso ficasse bom sem ter de sujeitar-se à operação. No dia seguinte o abcesso reabentou e no outro dia já podia ir trabalhar.

O Rev. P.º Gastão Costa Sousa conta textualmente:

«O meu paroquiano ANTÓNIO MOREIRA MALHEIRO, de 47 anos, casado, ferroviário, residente no lugar do Ribeiro, desta freguesia de Meinedo (Lousada),

O Salgueiro floriu!

Aconteceu no México, com a Imagem peregrina de que já falámos no nosso número anterior. Os donos do monte «La Gaviota» fizeram a promessa de construir ali uma capela, se Nossa Senhora por lá passasse, a caminho de Pedras Negras.

E assim aconteceu. A Mãe bondosa aceitou a sincera promessa dos cristianíssimos donos de «La Gaviota» e a sua Imagem foi lá ter inesperadamente, sem dar tempo nenhum para os preparativos. Grande foi a surpresa de todos os trabalhadores, e o entusiasmo ainda maior.

Tratou-se logo de arranjar um altar, mas, como não havia materiais para nada, procuraram aqueles bons camponeses reproduzir no México o «cenário da Cova da Iria».

Cortaram-se uns arbustos, fez-se um grande terço de bugalhos, levantou-se um tronco a servir de coluna, etc.. Faltava porém uma coisa: era preciso simular uma nuvem, sobre a qual a Imagem assentasse, e não havia com quê. À falta de melhor, substituiu-se a nuvem de gaze por uns ramos de salgueiro...

Passou-se aquela noite. E qual não seria a surpresa de todos, quando, na manhã seguinte, foram dar com os ramos do salgueiro floridos, formando uma alva e finíssima nuvem, como tão ardentemente tinham desejado fazer para Nossa Senhora! Já seria extraordinário que os ramos florescessem, depois de cortados da árvore. Contudo, o mais extraordinário foi ter-se verificado aquela floração em Junho, quando os salgueiros, no México, florescem em Outubro.

Com esta amostra do carinho de Nossa Senhora, a devoção aumentou em todos e o caso deixou-lhes recordações inesquecíveis.

É escusado acrescentar que a capela prometida a Nossa Senhora da Fátima foi logo levantada.

sofria, há mais de dez anos, de uma ferida no duodeno. No dia 5 de Março do ano corrente (1951) teve várias hemoptizes. Estava tão mal, que se confessou e recebeu os últimos sacramentos. O próprio médico perdeu-lhe todas as esperanças, como a mim o confessor. No dia 13 de Maio último, pediu com muita fé a sua cura a Nossa Senhora da Fátima e, de repente, sentiu-se curado. Já trabalha e os médicos, que o observaram, dizem estar curado. Pede seja publicada a sua cura na *Voz da Fátima*, como prometem».

FERNANDA MAIAS DA SILVA (*Argivai, Póvoa de Varzim*), de poucos anos de idade, foi acometida de doença óssea na perna direita. Consultado o médico, disse tratar-se dum caso melindroso e aconselhou o internamento da menina numa estância de cura, advertindo, no entanto, que a permanência lá seria longa e sempre com o perigo de ficar aleijada para toda a vida. A mãe e um irmão da doentinha voltaram-se então, cheios de confiança, para Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe a cura. Passado pouco tempo, com grande espanto do médico, a criança apresentava-se completamente curada, continuando a gozar de perfeita saúde.

O Dr. Sampaio de Araújo, médico na Póvoa de Varzim, declara que a menina Fernanda Maias da Silva «era portadora de uma osteomielite do terço superior do fémur direito e que hoje (13 de Abril de 1951) se encontra totalmente curada, sem deformidade ou aleijão».

MARIA JOSÉ AFONSO DE CIMA (*Salto, Montalegre*) vem tornar público que recebeu de Nossa Senhora da Fátima a cura dum tumor num lábio, que só passou quando fez uma promessa à que é Saúde dos Enfermos.

Transcrevemos a declaração do médico, Dr. Aníbal Pereira da Silva, o qual «declara pela sua honra que, em fins de 1949, fez várias tentativas de destruição, sem resultado, dum verruga do lábio inferior de Maria José Afonso de Cima... acabando por lhe aconselhar, perante o insucesso terapêutico, o recurso a um dermatologista, o que a doente diz não ter feito, apesar de nesta data se encontrar completamente curada...»

Venda Nova, 11 de Maio de 1951».

MARIA BRASILINA TORRES M. DE VASCONCELOS (*Póvoa de Varzim*), numa longa exposição confirmada pelo seu Rev. Pároco, narra como, em princípios de Fevereiro de 1950, começou a sentir violentas dores de cabeça, e num ouvido, acompanhadas de grande mal estar. Consultou especialistas, sujeitou-se a tratamentos, tudo sem resultado. Os médicos optavam por uma operação, visto tratar-se de mastoidite, de que poderiam resultar graves e sérias consequências. O seu sofrimento e a sua inquietação prolongaram-se até Junho, altura em que resolveu ir a Lisboa ouvir outros clínicos. Antes disso, porém, diante do altar de Nossa Senhora da Fátima, na igreja paroquial, pediu à Mãe do Céu a sua cura. Voltou para casa contente e durante esse dia e noite sentiu-se bem disposta e sem dores. O médico, em Lisboa, limitou-se a tranquilizá-la, dizendo que não tinha nada de gravidade. E a feliz agraciada termina assim o seu relato: «Já lá vão dois anos e nunca mais as dores voltaram. Venho pois, como prometi, testemunhar a Nossa Senhora da Fátima o meu tão grande e profundo reconhecimento».

ROSA PEREIRA DE BARROS (*Louro, Vila Nova de Famalicão*), viúva, de 80 anos de idade, adoeceu gravemente com uma síncope cardíaca e uma bronco-pneumonia, chegando o seu médico assistente a julgá-la perdida. O Rev. Pároco diz que se apressou a ministrar-lhe os últimos sacramentos, e continua: «Suas filhas Maria e Margarida, que vivem em sua companhia, recorreram a Nossa Senhora da Fátima, e foram atendidas, pois a doente já há algumas semanas que vem à igreja cumprir os seus deveres religiosos, não obstante viver dela um pouco afastada».

Castigos da Impureza

NA primeira aparição, Lúcia perguntou à branca Senhora vestida de luz, que poitou seus níveis pés na pequenina azinheira da Cova da Iria: — *Vossemecê, donde é?*

— *Sou do Céu* — respondeu a Virgem.

O Céu, que felicidade possui-lo para sempre! E a pastoreira pergunta se os três iriam para o Céu.

Nossa Senhora prometeu que sim; que os levaria aos três a gozar da felicidade eterna.

Lembrou-se então Lúcia de perguntar por duas companheiras suas, falecidas há pouco, e que andavam a aprender a tecedeiras com suas irmãs.

Uma delas, que, segundo a vidente devia andar pelos 16 anos, já estava no Paraíso — garantiu a Virgem Santíssima. A outra, que teria 18 ou 20 anos, disse a mesma Senhora que ficaria no Purgatório até ao fim do mundo.

Como se entende palavra tão terrível? Julgamos que se pode interpretar desta forma: estará no Purgatório até ao fim do mundo, se não rezarmos, se não aplicarmos sufrágios por ela.

Qual a razão de tão terrível castigo? Alguém procurou saber de quem se tratava e veio a verificar que tinha havido faltas graves contra a castidade. Embora arrependida antes da morte, pelo que o Senhor lhe perdoou a culpa e a pena eterna, infligiu-lhe o mesmo Senhor aquela gravíssima pena em castigo dos seus pecados. Quanto Deus odeia a impureza! Que terrivelmente a castiga!

E a Virgem Imaculada dizia em Lisboa, aparecendo à angelical Jacinta, pouco antes da sua morte: «O pecado que leva mais almas ao Inferno é o pecado da carne».

Queremos livrar-nos do Inferno? Queremos evitar os acerbos tormentos do Purgatório? Desejamos, sobretudo, agradecer à Mãe Puríssima e Virgem das virgens? Guardemos zelosamente a santa pureza. Imitemos a pequenina Jacinta de quem diziam na Fátima: «Isto deve ser um anjo!»

F. L.

GRAÇAS dos SERVOS DE DEUS

LAVÍNIA MACHADO (*Bombaim, Índia*) pediu, alcançou e agradece o bom resultado dum operação que seu filho Francisco precisou de fazer à garganta. Havia mais de um ano que andava com um gânglio nela, o que lhe causava grande mal estar e dores horríveis.

MARIA DA SOLEDADE SOEIRO (*Granjinha, Tabuço*) diz que depois do falecimento de pessoa de família, quando se tratou da divisão dos bens, apareceu um estranho a reclamar a sua parte. A família, além do prejuízo, sentia a desonra da memória do falecido e por isso pôs a questão no tribunal, invocando para o bom despacho dela a intercessão do Francisco. O tribunal não tardou em dar a decisão contrária à pretensão do intruso.

S. KENNEDY (*Willington, Inglaterra*), encontrava-se desprovida de meios e sem trabalho. Começou uma novena aos Servos de Deus e logo no segundo dia dela uma pessoa de família lhe entregou uma soma de dinheiro, com que não contava. E antes de a novena terminar, já alguém lhe tinha arranjado trabalho.

MANUEL MARIA RAMOS, ao tempo residente na *Cumeira (Marinha Grande)*, quando tinha já marcado o dia do seu embarque para o Rio de Janeiro, apareceu-lhe uma forte inflamação na boca e na garganta, que mal o deixava mastigar e até lhe dificultava a respiração. Recorrendo não poder embarcar, pediu a intercessão da Serva de Deus Jacinta. A inflamação passou e pôde seguir para o Brasil com uma viagem feliz. Enviou 20\$00, como prometera.

AMÉLIA NUNES DE OLIVEIRA MACHADO (*Viatodos*), viu-se forçada a alimentar artificialmente os seus dois primeiros filhinhos, por não ter leite para lhes dar. Ao aproximar-se o nascimento do terceiro, rogou à Jacinta que lhe obtivesse de Nossa Senhora a graça de o poder criar com o seu leite. A graça foi alcançada e aquela mãe agradecida enviou os 20\$00 que tinha prometido.

JORGELINA FERREIRA CARVALHO (*Água Retorta (S. Miguel, Açores)*), andou durante um ano a quixar-se da cabeça, não podendo sequer abaixar-se. Ainda o que mais lhe custava era não poder dormir. Andou a tratar-se com dois médicos, sujeitou-se a tudo o que eles indicaram, mas sem resultado. Então, com a sua irmã, começou uma novena à Serva de Deus Jacinta. No fim da novena já conseguia dormir e, passado algum tempo

mais, as melhores acentuaram-se. Pede a publicação da graça e envia 20\$00.

MARIA ADELAIDE AMORIM (*Oliveira de Azemeis*) escreve: «Tendo minha Mãe, de 81 anos, de ser sujeita a uma grave operação ao estômago, fizemos uma novena à Jacinta, vidente da Fátima, com a promessa de enviar uma esmola e publicar a graça no jornal *Voz da Fátima*, caso tudo corresse bem. Como assim aconteceu, venho cumprir a promessa, dando graças à pequenina Jacinta e à Mãe de Deus».

Agradecem e enviam esmolas:

Mariana Vital dos Santos, Bairro da Caridade, 70\$00
 Albertina de Jesus, Vila Nova, Armamar, 20\$00
 Maria Luisa Garcia Lopes, Porto, 5\$00
 Emilia do Jesus Queiroz, Candal, Gai, 20\$00
 Maria A. Queiroz Dias, Areosa, Porto, 20\$00
 Manuel Gonçalves Lomba, Panoias, 20\$00
 Maria Alice V. de Lemos, Aveiro, 50\$00
 Camila das Dolores Ramos de Carvalho, Colos, 25\$00
 José Adalmeiro Dias de Castro, Paredes, 50\$00
 Margarida Júlia Machado, S. Miguel (Açores), 40\$00
 Leonor Amélia Ortins Lourenço, Graciosa (Açores), 10\$00
 Deolinda Peixe, Ilhavo, 20\$00
 Anónimo, 23\$00
 Laura Mourato Pires, Campo Maior, 20\$00
 António Pereira, Mata, Torres Novas, 20\$00
 Ilda Gonçalves, Paredes de Adoufe, 20\$00
 Maria Vitória Rosa, Grândola, 10\$00
 Francisco Fonseca, Mabemga (Congo Belga), 108\$00
 Joaquim dos Reis Pereira, Ourém, 7\$50
 José Teixeira Ávila, Urzelina (S. Jorge, Açores), 20\$00
 Maria da Glória Teixeira, Urzelina (S. Jorge, Açores), 25\$00
 Emilia Cardoso, Pedrogueira, Mata Mourisca, 15\$00
 Maria Augusta Correia, Mata Mourisca, 20\$00
 Anónimo, por interm. de Ramiro P. Portela, Leiria, 30\$00
 Maria das Neves, Norte Grande (S. Jorge, Açores), 40\$00
 Elsa do Carmo Silva, Ribeira da Areia (S. Jorge, Açores), 36\$00
 Maria Jacinta Marques, Ribeira da Areia, 50\$00
 Maria Pedrosa de Borba, Ribeira da Areia, 12\$00
 Amélia do Carmo Almada, Ribeira da Areia, 12\$00
 Vitória do Rosário Silva, Ribeira da Areia, 50\$00
 Ursulina Medeiros, Carreira (S. Miguel, Açores), 50\$00
 Maria José Pereira Lopes, Ponta Delgada, Açores, 52\$00
 Superior da Missão de Malange, Angola, 9\$00
 Clotilde da Silva Carvalho Vieira, Vila Nova de Gaia, 40\$00
 João Vieira Resende Junior, Vagos, 20\$00
 Maria Marques da Silva, Pico (Açores), 52\$50
 Maria do Espírito Santo da Silva (S. Jorge, Açores), 30\$00
 Maria Emilia Guerreiro, Colos, 20\$00
 Maria de Lurdes Alegria, Porto, 40\$00
 Maria Ema de Oliveira, Pinheiros, 10\$00
 Américo Marques Lapa, Porto, 20\$00
 Margaret Brito de Oliveira, Santarém, 20\$00
 Irmã Antónia Pratas, S. António (Texas, Estados Unidos), 141\$50
 Idefonso Padilla, S. Antonio (Texas, Estados Unidos), 113\$20
 Maria da Conceição Rezendes, S. Miguel (Açores), 20\$00
 Elisário Dias de Sousa, Santo Tirso, 20\$00
 José da Silva Ribeiro, Oliveira de Azemeis, 10\$00

Senhora do Bom Caminho

pelo Senhor D. Manuel, Arcebispo de Évora

SEGUIREMOS hoje a Senhora na sua viagem de Nazaré a Belém, na companhia de S. José, para se inscrever nos registos da Cidade de sua ascendência, da sua cidade, em harmonia com o edito de César Augusto, que desejava pôr em dia o recenseamento de todos os súbditos do Império.

Em circunstâncias normais, já a viagem era dura. Efectivamente, Nazaré, na Galileia, dista de Belém, na Judeia, ao sul de Jerusalém, umas boas léguas por plainos extensos e por longos maciços acidentados. Mas nesta altura foi particularmente difícil para a Santíssima Virgem, por se aproximar a «plenitude dos tempos». Conforme reza a tradição, quando foi da fuga para o Egipto, Maria fez grande parte do percurso, montada num jumentinho. É natural que sucedesse agora o mesmo. No caminho: o silêncio das grandes distâncias despovoadas, a frugalidade obrigada dos pobres, e jubilosa destes pobres, as longas vigílias na ansia de chegar depressa ao termo da viagem, a inclemência do tempo.

Mas chegou a seu termo a jornada. E logo começou novo capítulo deste drama de luz e de amor. Não andará longe da verdade os autores piedosos que nos pintam a Senhora sentada num recanto da cidade, enquanto S. José procurava afanosamente lugar calmo e confortável, onde sua Santíssima Esposa pudesse descansar e dar à luz o Senhor da luz, cujo advento se aproximava. E bateu o Patriarca à porta de parentes, que lhe recusaram o agasalho comovidamente requerido, fingindo alguns não o conhecer; e bateu à porta de desconhecidos que naqueles dias de turbulenta afluência não quiseram recebê-los, apesar da tradicional hospitalidade do Oriente. Nem na hospedaria tiveram lugar para ficar, segundo narra o Evangelho. Cansados fisicamente mas animosos e jubilosos em espírito, por saberem tudo se passar segundo um plano divino, acolheram-se finalmente no abrigo dum estábulo, que não tinha a beleza poética dos nossos presépios do Natal, mas era desoladoramente triste, feio e sujo.

E, quando nessas circunstâncias se encontravam em Belém, «completaram-se os dias de Ela dar à luz, e teve o seu filho primogénito que envolveu em panos, e recostou numa manjedoura, por não haver para eles lugar na hospedaria» (Luc. II, 6-7).

São de obediência inteira todos os caminhos da Senhora, e este, de Nazaré a Belém, põe em plena luz tal virtude. Humanamente desconcerta-nos a latitude desta obediência, Maria devia não estar sujeita às leis dos homens. E quando em condições normais tivesse de sujeitar-se, a sua situação particularíssima devia dispensá-la de tão longa e fatigante viagem. Mas na autoridade, qualquer que fosse, ela via o próprio Deus. Como diria mais tarde o Senhor Jesus, em hora trágica do julgamento no pretório do representante de César, Pilatos não teria poder algum, se não lhe fosse dado do alto. Sempre na pessoa do homem, investido em autoridade, presente a suprema autoridade de Deus.

Maria obedeceu a Deus, obedecendo à prescrição de César Augusto. É o prolongamento sublime daquele «fiat» humilde e generoso com que aceitou a missão de corredentora e que foi a aurora do resgate do mundo.

Luz e lição para nós, que nos obstinamos em viver a nossa vontade, a despeito de promessas solenes e de propósitos íntimos de obediência e reverência. E, porque não sabemos obedecer, nasce a inquietação da nossa vida, a aridez da nossa acção, a perturbação dos serviços que nos são confiados.

O mesmo egotismo nas famílias e nas sociedades. Digamos antes egoísmo, porque o termo é justo e preciso. As tempestades de almas tornam-se tempestades domésticas, e em plano mais vasto tempestades de nações. O homem sofre do que lhe falta de espírito evangélico. Do mesmo mal sofrem as famílias e as sociedades.

Escrava do Senhor, a Senhora. Identificando a sua vontade com a vontade divina, alcançou os domínios da santidade mais alta, e foi com seu Filho luz do mundo.

Em nós, por desobediência orgulhosa, surge a desintegração da anarquia, e na anarquia a angústia ansiosa dum bem que nunca se alcança.

Caminheiros da vida, por que não havemos de ser, como a Senhora, caminheiros do bom caminho, pela obediência pronta, jubilosa e eficaz?

Palavras de um Médico

FIM DE FÉRIAS

Já no fim de férias, no quarto domingo de Setembro, numa linda tarde de sol, assisti no alto de S. Gens, na Serra de Cidai, perto da Trofa, à animada romaria da oferta.

Eu explico. Havia já na antiguidade o costume de consagrar as searas a um deus mitológico. O Cristianismo não luta contra essas tradições, mas baptiza-as. Basta recordar o 1.º de Maio, que hoje é o dia de S. José, operário. Assim, o Cristianismo consagrou as searas a Deus, e nas Rogações, três dias antes da Ascensão, percorriam-se os campos, entoando a ladainha de Todos-os-Santos, pedindo que Deus frutificasse a terra, protegesse os gados, germinasse as sementes e conservasse as searas. É aqui que tem origem a cerimónia litúrgica da bênção dos campos com cerimonial próprio no Ritual Romano. Na sua forma actual foi aprovada pela Santa Sé em 1 de Dezembro de 1886.

Retomando a descrição das festas a S. Gens, devo dizer que na quinta-feira da Ascensão, à tarde, os povos vão processionalmente até ao ponto mais alto da Serra de Cidai assistir à bênção dos campos das freguesias circunvizinhas, rogando a Deus, por intercessão do Mártir S. Gens e de Nossa Senhora da Alegria, que deles afaste trovoadas, granizo, fúrias ventanias, prejuízos e inundações. E o sacerdote asperge os campos com água benta para os quatro pontos cardeais.

Passam os meses de Verão. As sementes germinam. As searas cobrem os campos. As colheitas fazem-se na devida oportunidade. E é preciso que os lavradores mos-

trem o seu reconhecimento pela protecção dispensada às suas terras. Vão, pois, oferecer ao Santo uma amostra das suas colheitas. Fazem-no no quarto domingo de Setembro na animada romaria da oferta, a que assisti.

Grupos numerosos, cada qual de sua freguesia, chegam ao alto do monte, de cestos à cabeça, cobertos com alvas toalhas de linho, e encaminham-se para a capela do Mártir, donde voltam para entregar, numa casa próxima, os cestos com as ofertas de cada qual e que são ali leiloadas.

Quando cheguei, a «almas» de S. Gens, o meu amigo, Rev. Dr. Sebastião Cruz, ao microfone, falava, entusiasmado, ao povo que se apinhava em redor. Levava para os romeiros — e para mais alguém — a bênção de Sua Santidade o Papa João XXIII, por quem fora recebido em Roma. Louvava o povo pela sua devoção e agradecia-lhe, com palavras cheias de vibração e calor, as dádivas generosas que trazia para auxílio das obras a realizar na capela e no monte, onde o seu sonho é ver erguida uma «Casa de Repouso para Intelectuais», na qual possam encontrar, junto do Santo da verdadeira Alegria cristã e diante dum panorama de encantadora tranquilidade, repouso não só para o corpo fatigado, mas também e sobretudo para a alma, cada vez mais inquieta e perturbada nestes dias agitados que vivemos. Pensa e deseja que, lá no alto da serra, melhor se ouça a voz de Deus, porque quem a ouvir — escreveu D. Fulton Sheen — terá ouvido a primeira nota melódica da paz interior.

Hernâni Monteiro

INSTITUTO do Coração Agonizante de Jesus

As esmolas para este desejado Mosteiro vão caindo, como gotas de orvalho benéfico. O Senhor abençoe quantos têm ouvido o apelo a favor dos moribundos, particularmente quando em maior perigo de condenação.

«Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o Inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas», disse Nossa Senhora aos Pastorinhos na 4.ª aparição.

O Instituto do Coração Agonizante de Jesus, que no passado dia 18 de Outubro celebrou o 1.º Centenário, tem por missão única alcançar de Deus, pela oração contínua e vida sacrificada, a graça suprema da boa morte para os que estão em agonia.

Como desejaríamos que bem depressa se inaugurasse, junto do Santuário da Fátima, obra tão santa e urgente e que viria realizar o pedido instantâneo da Mãe do Céu!

São precisas duas coisas. Primeira e mais importante, almas devotadas que, ouvindo a voz do Senhor, acorram ao convite angustioso da Santíssima Virgem e se decidam a morrer para o mundo para ajudar, na hora da morte, os seus irmãos agonizantes. Sublime vocação! Quem a sentir, não recue diante das dificuldades que naturalmente não-de surgir. Abra a sua alma a um Confessor prudente e procure informar-se do que tem a fazer para ingressar no Instituto das Religiosas do Coração Agonizante de Jesus.

A segunda coisa necessária, são as ofertas, muitas ofertas, para a aquisição do terreno preciso e construção do edifício. Agradeçam-se todas, pequeninas e grandes. Mas se houvesse uma alma generosa, de perto ou de longe, que, dotada de bens de fortuna, quisesse adoptar como sua esta obra de tanto alcance sobrenatural... Confiemos na Providência Divina.

Seguem as ofertas recebidas durante este mês e que muito agradecemos.

Anónimo, de Salreu, 100\$00; Maria de Jesus Rodrigues Nabal, Arzela, Caminha, 50\$00; Irmã Maria de Santa Cruz, Samora Correia, 10\$00; Leonor Corvelo Ávila, Angra do Heroísmo, 100\$00; Uma Assinante da «Voz da Fátima», Angústias, Horta, 200\$00; Anónima de Courtra (Bélgica), 500 frs.; Anónimo, 60\$00; Maria Isabel de Melo, Middleboro, Mass., (Estados Unidos), 7 dólares; Anónima, 50\$00; Felicidade Alves Pereira Sá, Paramos, Espinho, 20\$00; Lembrança dum Comunidade Religiosa, 100\$00; Família Santos Costa, Carvalhos, Porto, 100\$00; Um Doentinho do Hospital Rovisco Pais, 50\$00; Eduardo Pereira e Esposa, Porto, 20\$00; Madalena Alice Folgado, Porto, 50\$00; Maria Fernandes, Hillside, N. J. (Estados Unidos), 10 dólares; Maria José de Faria Mendonça, Póvoa de Varzim, 20\$00; Maria Isabel Faria de Barros Monteiro, Vilela Seca, Chaves, 20\$00; Felícia Alves Ferreira, Mondrós,

Vila Real, 50\$00; Uma Devota de Nossa Senhora, 180\$00; Maria José de Moura Portugal Mendes, Teixoso, 20\$00; Maria do Resgate de Moura Portugal e Almeida, Covilhã, 20\$00; António da Silva Borges, 25\$00; Josefina Ferreira dos Santos, 20\$00; Anónimo, 100\$00; Maria da Conceição Fonseca, Angra do Heroísmo, 10\$00; Mlle. Jeanne Diet, Sauve (Gard — França), 22\$50; Anónimo, 20\$00; Olinda S. A. Teixeira Ribeiro Braga, Porto, 50\$00; M. P. B., 20\$00; Por intenção de uma Peadora, 40\$00; Francisco Cabral de Oliveira, Arrifes (S. Miguel, Açores), 20\$00; M. G. S., 5\$00, L. S., 5\$00, S. M. F., 5\$00, E. F., 5\$00, M. F. J., 5\$00, todos do Pico (Açores); Joaquim Pinheiro G. Gomes, Porto, 50\$00; Maria de Lourdes de Carvalho Nóbrega Ferreira Gomes, Porto, 20\$00; Anónimo por intermédio do Rev. Dr. Joaquim Lourenço, Fátima, 20\$00.

QUEM SÃO...

os nossos «irmãos separados»?

São todos aqueles que crêem em Jesus Cristo e no seu Evangelho, mas estão separados da Igreja Católica, Apostólica, Romana, fundada por Cristo, e não reconhecem a suprema autoridade do Papa. São Cristãos, porque aceitam a Jesus Cristo embora, muitos deles, neguem muitas das Suas Verdades; mas não são Católicos, porque rejeitam a autoridade e o magistério da Igreja.

QUAIS SÃO...

as principais Igrejas separadas?

A Igreja Anglicana; a Igreja Protestante (Luterana e outras, com as suas seitas); a Igreja Oriental (Persa, Arménia, Copta, Síria, Etiópica); a Igreja Bizantina Ortodoxa.

QUANTOS SÃO...

em resumo, os irmãos separados?

Para 460 milhões de Católicos, temos 420 milhões de Cristãos separados. Quer dizer, quase me-

tade dos Cristãos vivem fora do único e verdadeiro Redil de Cristo!

QUANDO...

se separaram estas Igrejas

dissidentes?

A Anglicana e a Protestante no século XVI; a Bizantina, no século XI; a Igreja Oriental, do IV ao V séculos.

POR QUE...

se separaram?

Para nenhuma destas Igrejas a causa da separação esteve num motivo de ordem exclusivamente teológica ou doutrinal. Examinando bem, nas origens não-de encontrar-se sempre ambições pessoais, interesses políticos, nacionalismos exacerbados, espírito separatista, situações especiais colectivas no campo psicológico ou social, etc.

Rezemos todos os dias a Nossa Senhora da Fátima, cuja Mensagem tão relacionada está com o Oriente, que apresse a hora do regresso ao Redil de Cristo de tantos filhos afastados.